



COLEÇÃO A FALA DA MULHER

Larissa Mundim

fala sobre a Nega Lilu



2018

COLEÇÃO

A FALA DA MULHER

TÍTULO

Larissa Mundim fala sobre a Nega Lilu

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Atelier Feito em Casa

EDITOR

Isadora Ferraz

REVISÃO DE TEXTO

Ana Godoy

DESIN GRÁFICO

Isadora Ferraz

Este ensaio foi criado especialmente para a coleção A
fala da mulher, uma realização do Projeto Samambaia em
parceria com o Atelier Feito em Casa.

Atelier Feito em Casa

www.atelierfeitoemcasa.com

Reflexões sobre inovação no mercado editorial a partir da experiência da Nega Lilu Editora

Quando surgiu, a Nega Lilu era um blog literário batizado a partir da fusão do nome das protagonistas do romance ficcional *Sem Palavras*, que escrevi em colaboração com Valentina Prado. Antes da fundação da editora, havia ainda a Nega Lilu Cia de Dança. A construção da marca era difusa e se associava à arte contemporânea, considerando sua atuação expandida para as Artes Visuais, as Artes Cênicas, o Audiovisual, o Design e a Comunicação, além da Literatura. Somente a partir de muito trabalho coletivo Nega Lilu foi se tornando conceito, atitude, postura.

Era uma ideia potente se insinuando, primeiro de maneira difusa e obsessiva, depois de forma concentrada e vocacionada. Em determinado momento, Nega Lilu era tudo. Tomou conta da minha vida pessoal e profissional, como uma amálgama conquistadora de territórios e transbordante de limites. Era a obra se manifestando brutalmente.

A decantação e o assentamento vieram ocupar espaço quando a Nega Lilu foi se reconhecendo como agente transformador. Criada com o objetivo de autopublicação, em 2013, a editora nasceu para fazer livros lindos. Este era o plano inicial, mas insuficiente. Depois de publicar três títulos de minha autoria, com equipe formada e supermotivada, passamos a nos dedicar à publicação de outros autores e autoras, especialmente as mulheres e os jovens.

Talvez por uma característica minha, a empresa sempre apresentou inquietude e, se recusando a permanecer no meio da cadeia produtiva, começou a circular de ponta a ponta. A Nega Lilu passou a apoiar ações de estímulo à leitura/formação de leitores e também a buscar alternativas de circulação para a produção gráfica-literária.

Este trânsito evidenciou desconfortos próprios de pequenas editoras independentes e nos conduziu, inevitavelmente, à reflexão acerca da necessidade de inovação no mercado editorial. As pessoas não suspeitam, mas o sistema operacional vigente da cadeia produtiva do livro foi implantado no século 19, com implementações posteriores já desatualizadas. Por isso, observo com naturalidade a queda de faturamento do mercado livreiro nacional na última década (FIPE, 2018).

Neste contexto, compartilho aqui uma visão de inovação do mercado editorial, considerando as seguintes frentes de batalha:

1) Inclusão de agentes estratégicos: fortalecer e ampliar a atuação de mulheres (cis e trans), população LGBTQI, indígena e negra em toda a cadeia produtiva do livro, como protagonistas não somente na criação de produtos, mas na tomada de decisões sobre quem publicar, onde publicar, como publicar, por que publicar. Prioridade para aqueles e aquelas residentes e produtivos nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, sem a exclusão de quem atua no sul e no sudeste do País.

2) Revisão de processos produtivos: considerando como referenciais as melhores práticas editoriais das pequenas editoras independentes — sobretudo o balanço entre forma e conteúdo —, apoiar a valorização do trabalho criativo que envolve artistas e designers; resgatar técnicas analógicas e artesanais de impressão e acabamento; aprimorar relações profissionais com fornecedores que, historicamente, atuam de forma não integrada no processo produtivo, como as gráficas e os técnicos autônomos.

3) Atualização dos modos de operação das editoras, distribuidoras e pontos de venda: valorizar a autoria e a propriedade intelectual; retomar o papel social das livrarias; ampliar o campo de atuação das editoras para ações de estímulo à leitura e de circulação da produção; reinventar estratégias de circulação; e, por fim, experimentar com valentia e desprendimento novos modelos de negócios.

4) Qualificação de leitores e leitoras: acompanhar ativamente a execução do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) e propor atualizações.

5) Posicionamento político: ocupar espaços de debate em território governamental e não governamental; conquistar representação institucional e política em território estadual e federal.

6) Incentivo e democratização de acesso à pesquisa científica e mercadológica: monitorar sintomas indicativos de avanços e retrocessos das ações de política pública do Livro e da Leitura; debater cenários sistematicamente nas universidades e instituições de classe; combater “novos

projetos hegemônicos” que o processo de inovação possa, eventualmente, facilitar.

7) Formação de redes produtivas e de Comunicação: mapear iniciativas, conectar e promover articulação remota entre pares estratégicos, estimular economia criativa/colaborativa/compartilhada/multimoedas, fortalecer canais próprios/gratuitos/independentes.

Esta visão de inovação que surge a partir da experiência da Nega Lilo Editora nutriu as convicções da e-cêntrica (www.e-centrica.org).

LARISSA MUNDIM, escritora, editora e jornalista. É diretora e coordenadora editorial da Nega Lilu Editora (<http://www.negalilu.com.br>). Autora dos livros *Sem Palavras* (2013), *Agora eu te amo* (2014), *Operação Kamikaze* (2015), *faz rs* (2016) e do experimento gráfico-literário *Prepiscianas – vol. 1*, que tem coautoria de Carol Schmid. Idealizadora da e-cêntrica, projeto de apoio à inovação da cadeia produtiva do livro (www.e-centrica.org). Coordenadora da feira e-cêntrica de publicações independentes. Fundadora do Coletivo e/ou (2014) e do Coletivo Esfinge (2009), grupos atuantes nas Artes Visuais, Artes Cênicas, Audiovisual, Literatura, Design e Comunicação. Diretora geral da Casa da Cultura Digital, criada em 2004, com a missão de difundir e fortalecer a cibercultura para o exercício da cidadania.

